

Sobre a preservação de expoentes morfológicos na fonologia variável do português brasileiro

On the preservation of morphological exponents in the Brazilian Portuguese variable phonology

Luiz Carlos Schwindt*

RESUMO: A partir do pressuposto de que processos fonológicos variáveis podem acessar informações morfológicas, defendemos, neste texto, que expoentes de morfemas monosssegmentais são mais protegidos contra apagamentos do que porções fonológicas distribuídas em unidades morfológicas maiores. Dois fenômenos variáveis bastante debatidos em português brasileiro são analisados como evidências: a desnasalização de ditongos finais átonos (ex. homem ~ homi; pedem ~ pedi) e o apagamento de r em coda final tônica (ex. amor ~ amo∅; amar ~ ama∅). Propomos a formalização desses fenômenos na perspectiva da Teoria da Otimidade, numa abordagem em que restrições de natureza morfológica interagem com restrições fonológicas, a fim de assegurar consistência de exponência.

PALAVRAS-CHAVE: Consistência de Exponência. Desnasalização. Apagamento de r. Teoria da Otimidade.

ABSTRACT: From the assumption that phonological variation can access morphological information, we advocate in this text that monosegmental morphemes are more protected from deletion than morphemes distributed in greater phonological structures. Two variable phenomena of Brazilian Portuguese quite discussed in the literature are analyzed here as evidence: denasalization of final unstressed diphthongs (eg. homem ~ homi 'man'; pedem ~ pedi 'they ask') and r-deletion in stressed final codas (eg. amor ~ amo∅ 'love'; amar ~ ama∅ 'to love'). We propose a formal approach for these data in the Optimality Theory framework, assuming that morphological constraints interact with phonological ones in order to ensure Consistency of Exponence.

KEYWORDS: Consistency of Exponence. Denasalization. r-deletion. Optimality Theory.

1. Introdução

O modo como a fonologia interage com a especificação lexical de morfemas não é tema trivial. A ideia de que morfemas têm correspondentes necessários em nível fonológico está presente nas análises fonológicas e morfológicas formais desde o estruturalismo até a Teoria da Otimidade clássica (OT). Na abordagem estruturalista, estava em jogo o respeito à exigência de univocidade nas relações entre as unidades do plano da expressão e do plano do conteúdo;

* Professor do Departamento de Linguística, Filologia e Teoria Literária do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

desencontros nesse mapeamento eram de tal modo rejeitados que justificaram a proposição de expedientes analíticos como morfemas \emptyset (quando a um morfema não correspondia som algum) ou de morfes vazios (quando a um som não correspondia morfema claramente identificável). Em trabalho inaugural em OT, McCarthy e Prince (1993), num modelo que se tornou conhecido como PARSE/FILL ou Teoria da Contenção, propuseram um princípio chamado Consistência de Exponência, que pretendia dar conta da exigência de pareamento entre morfologia e fonologia, definido nos termos de (1).

(1) Consistência de Exponência

Mudanças no expoente de um morfema fonologicamente especificado não são permitidas. (MCCARTHY; PRINCE, 1993:21)

De acordo com esse princípio, qualquer expoente fonológico de um morfema especificado no input (segmentos, moras etc.) deve ter correspondente idêntico no output.¹ Segmentos epentéticos, portanto, não têm afiliação morfológica, e são interpretados como implementações fonéticas de posições vazias. Porções fonológicas não pronunciadas, por outro lado, que permanecem presentes no candidato, apenas falham ao serem incorporadas à estrutura prosódica (ou seja: expoentes de morfemas não são apagados).

O modelo PARSE/FILL foi substituído por uma subteoria mais poderosa, envolvendo relações mais abstratas, conhecida como MAX/DEP ou Teoria da Correspondência (MCCARTHY; PRINCE, 1995). De acordo com essa nova abordagem, GEN pode produzir candidatos que contemplem mudanças na afiliação morfológica de um segmento ou mesmo apagamentos de segmentos associados a morfemas.

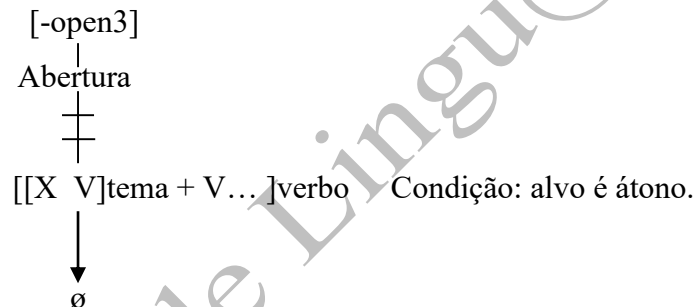
Apesar de não mais se assumir explicitamente consistência de exponência como um princípio, a ideia de que a afiliação morfológica de material fonológico deve ser em alguma medida preservada permaneceu na literatura da OT, refletida em restrições de diferentes naturezas, como FAITH-ROOT, FAITH-AFFIX (MCCARTHY & PRINCE, 1995); FAITH-NOUN (SMITH, 2001); ALIGN-M, Φ /ANCHOR (MCCARTHY & PRINCE, 1993, 1995); MORPH-REAL

¹ Definimos *expoente* nos termos de Mathews (1974): considerando-se morfemas como categorias, definidas, em termos individuais, por propriedades morfossintáticas abstratas (p. 136), podemos dizer que os traços que identificam essas propriedades podem ser referidos como seus **expoentes** (p. 144).

(SAMEK-LODOVICI, 1993); MAX-ROOT (MCCARTHY, 2011) / MAX-AFFIX (FARWANEH, 2007) / MAX-M (WOLF, 2008); MORPHEME INTEGRITY (MUTAKA & HYMAN, 1990) etc.²

Em fenômenos categóricos (aqui entendidos como de aplicação obrigatória), esse princípio parece ser respeitado em diferentes línguas. No sistema categórico do PB, um bom exemplo de evitação/reparo a apagamento de morfema é o da estabilidade do traço de abertura da VT de 2ª e 3ª conjugações na 1ª pes. do singular do pres. de indicativo, que é espriado para a vogal da raiz, gerando um padrão harmonizado, opaco na superfície (ex. *seg+i+o* > *sig∅o*), conforme representação em (2), adaptada de Wetzels (1995) por Schwindt e Wetzels (2016).

(2) Truncamento com estabilidade do traço de abertura.



Neste texto, sem a pretensão de esgotar o tema, interessa-nos particularmente o efeito de consistência de exponência sobre processos fonológicos variáveis. Assumindo o pressuposto de que tais processos podem acessar informação morfológica (GUY, 1980; LABOV, 1981; KIPARKSY, 1988, 1995; SCHWINDT, 2012), levantamos as questões que seguem, dependentes entre si.

- (i) Expoentes de morfemas (neste recorte, monossegmentais) são protegidos de – ou são menos suscetíveis a – apagamentos variáveis?
- (ii) Pode-se falar em efeitos compensatórios no caso de apagamento de morfemas? Nesse sentido, há, de fato, apagamento, ou se trata de processo gradiente que deixa resíduo fonético?
- (iii) Quais as alternativas para se lidar formalmente com a proteção ao apagamento de morfemas?

² Segundo van Oostendorp (2007), isso se deve ao fato de que esse princípio tem poucas exceções nas línguas do mundo.

Para discutir essas questões, o texto assume a organização que segue. Na seção 2, partindo de dois exemplos clássicos – o apagamento de *t/d* em inglês, descrito por Guy (1980) e o apagamento de *s* em espanhol porto-riquenho (EPR), descrito por Poplack (1980), e em português brasileiro (PB), descrito por Guy (1981) –, apresentamos os dois fenômenos que alimentam nossa análise: a desnasalização de ditongos átonos finais e o apagamento de *r* em sílaba final de palavra em PB. Na seção 3, apresentamos uma análise em moldes otimalistas, focando mais a natureza de restrições em competição do que uma proposta de tratamento da variação em OT. Por fim, em 4, apresentamos nossas ponderações sobre a análise e apontamos para questões residuais.

2. Fenômenos variáveis sujeitos a Consistência de Exponência

Dois exemplos emblemáticos de fenômenos fonológicos variáveis sujeitos a algum tipo de condicionamento morfológico são o apagamento de *t/d* em inglês e o apagamento de *s* em variedades do espanhol e do português. Esses fenômenos, contudo, encerram uma aparente contradição: enquanto Guy (1980) observou que o processo se aplica menos às coronais do inglês que correspondem a um morfema em isolado (a marca de passado), Poplack (1980), para o EPR, e Guy (1981), para o PB, constataram maior incidência de apagamento de *s* final em formas em que esse segmento corresponde a um morfema (a marca de plural), conforme se vê em (3) e (4).

- (3) Apagamento de *t/d* em inglês (GUY, 1980)
- | | | |
|-----------------|-------------------------------|------|
| monomorfemas | <i>mist</i> ~ <i>mis</i> ∅ | 0.64 |
| passado regular | <i>missed</i> ~ <i>miss</i> ∅ | 0.32 |

- (4) Apagamento de *s* no SN em EPR (POPLACK, 1980) e em PB (GUY, 1981)
- | | EPR | | PB | |
|------------------|--------------------------------------|-----|----------------------------------|-----|
| monomorfema | <i>mes</i> ~ <i>me</i> ∅ | 54% | <i>menos</i> ~ <i>meno</i> ∅ | 15% |
| flexão de plural | <i>las casas</i> ~ <i>las casa</i> ∅ | 68% | <i>os dias</i> ~ <i>os dia</i> ∅ | 36% |

Sustentamos que essa contradição é apenas aparente, já que, nos dois casos, a informação morfológica parece sujeita a alguma força preservadora. No caso de *t/d* em inglês, como o locus do processo parece ser a palavra, o segmento associado ao morfema é menos apagado do que segmentos que fecham a raiz (e mesmo do que segmentos finais de verbos

irregulares); no caso do espanhol, por outro lado, o locus do processo parece ser o sintagma, mais do que a palavra, sendo a informação de plural preservada em algum elemento (de modo geral, o primeiro, conforme descreve ampla literatura a respeito).

Poplack e Guy problematizaram esses dois fenômenos frente a um princípio proposto por Kiparsky (1982[1972]) para a diacronia linguística, conhecido como "distintividade contrastiva", segundo o qual estruturas gramaticais redundantes são menos resistentes à mudança. Poplack (1980) constatou que, ainda que com pequena vantagem, o *s* em *EPR* estava mais sujeito a apagamento em ambientes passíveis de desambiguação (*las reinas mandan*) do que em ambientes ambíguos (*arroz con abichuela(s)*). Guy (1996), apesar de constatar que os segmentos *t/d* finais em inglês são mais preservados quando coincidem com morfemas, rejeita "distintividade contrastiva" enquanto argumento funcional para explicar o fato, uma vez que formas do particípio (*have talked*) – que podem ser consideradas redundantes, já que recuperáveis sempre por um verbo auxiliar na sentença – apresentam índices muito semelhantes aos de apagamento de formas de passado simples. O autor assume, em oposição, um argumento formal, baseado em acolchetamento (ou em níveis) para dar conta dos diferentes domínios de aplicação da regra.

Independentemente, contudo, de se concluir em favor de um argumento funcional ou formal para lidar com esses fenômenos, a discussão em torno da hipótese de "distintividade contrastiva" contribui para a crença de que mecanismos preservadores de morfemas podem atuar também no componente variável da linguagem.³

Isso posto, e assumindo-se a necessidade de formalizar esses processos numa arquitetura de gramática plausível, duas questões importantes emergem:

- (i) o morfema, que não é mais identificável na superfície, foi de fato apagado ou simplesmente não foi inserido?
- (ii) quantos processos ou regras estão por trás de outputs idênticos na superfície da língua?

Frente a essa realidade, examinamos, aqui, dois fenômenos fonológicos variáveis bastante estudados em PB, sob diferentes perspectivas: a desnasalização de ditongos finais (DF), que mereceu, entre diversas outras, as análises de Guy (1981), Scherre e Naro (1998), Battisti (2002), Schwindt e Bopp da Silva (2010) e Cristófaros-Silva, Fonseca e Cantoni (2012),

³ Sobre detalhes em torno dessa discussão, ver Schwindt (2015).

e o apagamento de *r* em final de palavra (AR), que foi analisado, também entre diversos outros, por Callou et. al. (1996), Monaretto (1997, 2002), Silveira (2010) e Serra e Callou (2015). Para fins desta discussão, vamos nos orientar preponderantemente pelos trabalhos de Schwindt e Bopp da Silva (2010), para tratar de DF, e de Monaretto (2002) e Serra e Callou (2013), para tratar de AR.

2.1 Desnasalização de ditongos átonos em final de palavra

Um processo comum em todas as regiões do Brasil é a desnasalização de ditongos finais átonos, que se aplica tanto a nomes quanto a verbos (ex. *viagem* ~ *viagi*; *pedem* ~ *pedi*). Este fenômeno foi descrito por diferentes autores com resultados semelhantes. A maioria dos estudos aponta para algum papel da morfologia, que diferencia o processo em nomes e verbos, ao lado de outros fatores fonológicos, como a existência de uma consoante palatal no contexto precedente. Essa diferenciação entre classes gramaticais certamente é influenciada pelo fato de que, no âmbito dos verbos, para além do processo fonológico em foco, um aspecto de natureza morfossintática está envolvido, a concordância com as formas de plural, que caracteristicamente se exponenciam por uma nasal em português.

Em (5), a seguir, estão as taxas de aplicação do processo em toda a região sul do Brasil, levantadas por Schwindt e Bopp da Silva (2010): a nasal que corresponde à marca de plural nos verbos mostra-se menos sujeita a apagamentos do que nasais que fazem parte da raiz nominal ou de sufixos nominais.⁴

(5) Redução da nasalidade no sul do Brasil (SCHWINDT; BOPP DA SILVA, 2010)

não-verbos	<i>homem</i> ~ <i>home</i> ∅ / <i>camaradagem</i> ~ <i>camaradage</i> ∅	56%
verbos	<i>pedem</i> ~ <i>pede</i> ∅ / <i>falaram</i> ~ <i>falaru</i> ∅	32%

Nos verbos, encontramos, muitas vezes, evidências de precedência do processo de concordância sobre o de desnasalização, isto é, ao lado de formas como (*eles*) *cantam* ~ *canta* / *pedem* ~ *pedi*, encontramos também formas como (*eles*) *cantu* / *pedi*, em que [ʊ]/[i] finais parecem provir da semivogal do ditongo, segmento que, em princípio, se produz a partir da

⁴ Guy (1981) encontrou resultado inverso: o processo se mostrou mais favorável entre verbos. Deve-se sublinhar, contudo, que o autor valeu-se de dados de adultos em fase de alfabetização – o que sugere que a face morfossintática do processo, aquela que diz respeito à variação na concordância verbal, tinha mais chances de se apresentar.

relação entre a vogal final do tema, neste caso, e a nasal que a segue, o sufixo número-pessoal (aN > ãw̃N > ãw̃∅ > w̃ũ > ∅ / eN > ẽjN > ij̃∅ > ij̃ > i).⁵ Esse fato não apenas se constitui como evidência de precedência do processo de concordância sobre o de apagamento, mas também abre espaço para a hipótese de efeito compensatório no caso de DF em verbos, isto é, permite se postular que, independente de haver uma regra variável de concordância, o processo fonológico implicado preserva a informação morfológica a partir de um resíduo da marca de concordância. Se isso é verdade, por outro lado, casos como os de *(eles) canta* seriam as legítimas ilustrações de um processo genuinamente morfossintático, que poderia resultar de desnasalização, mas que também poderia ser analisado à luz de uma hipótese de reestruturação das marcas flexionais (como resultado de nivelamento morfológico, por exemplo). Além disso, parecem ser essas formas mais influenciadas por fatores sociais como a escolaridade.⁶

Nos não-verbos, DF aplica-se basicamente a ditongos com vogal coronal (*homem* ~ *homi* / *viagem* ~ *viagi* / *órfão* ~ ?*órfu*). Ao contrário do que ocorre com os verbos, há evidências de que essas formas estão sujeitas a algum tipo de neutralização, já que nenhum expoente morfológico está em jogo quando do apagamento (ẽjN > e∅ > i). A propósito disso, ao contrário do que ocorre com os verbos, a pronúncia de ditongo homorgânico ou de monotongo nasalizado, no caso dos não-verbos, é mais rara (ex. ?*hom*[ij̃] / ?*hom*[ĩ], ?*órf*[ĩw̃] / ?*órf*[õ]), o que sugere que o processo que desnasaliza verbos, apesar de possuir uma face restrita pela morfologia, é, do olhar da superfície, foneticamente menos restrito do que o que desnasaliza nomes.⁷

Tomado esse quadro descritivo, assumimos tese anteriormente defendida (SCHWINDT, 2015), de que estão em jogo, no caso de DF, dois processos diferentes, que resultam, em nível de superfície, em “outputs convergentes”. O mais restrito desses processos, que só atinge

⁵ Uma discussão importante, mas que omitimos aqui por questões de foco e de espaço, diz respeito ao que se entende, do ponto de vista fonético-fonológico, por desnasalização, já que o segmento nasal não parece ser plenamente pronunciado em português em nenhum caso. Para fins deste texto, consideramos suficiente dizer que só não podem ser consideradas *reduzidas* as formas que combinem ditongo e ressonância nasal. Formas apenas com ditongo, mas sem nasalidade, não ocorrem, provavelmente pela ordem que se estabelece entre os fenômenos envolvidos; formas com monotongo mas que preservam nasalidade parecem mais raras – e, de todo modo, são difíceis de serem diferenciadas, de oitiva, das que se realizam com ditongos nasais homorgânicos.

⁶ Não incluímos nesta afirmação o ditongo com vogal coronal (ex. *(eles) ped*[i]), porque neste caso sempre resta ambígua a análise, uma vez que a vogal final pode ser atribuída tanto à semivogal [j] quanto à vogal final do tema [e] – neste segundo caso não havendo evidência explícita de precedência da desnasalização. Exames de dialetos em que a redução da átona final é menos frequente, como o de Curitiba, por exemplo, em que se pode encontrar a pronúncia *(eles) ped*[e], pode contribuir para confirmar essa dupla possibilidade de análise.

⁷ Isso pode estar simplesmente indicando, numa perspectiva derivacional de gramática, que verbos se sujeitam mais vezes ao processo do que não verbos, à semelhança do que propôs Guy (1991) para o apagamento de *t/d* em inglês.

verbos, tem acesso à morfologia interna da palavra (com efeitos sobre a interpretação de variação de concordância verbal) – por isso mesmo pode preservar expoentes verbais. Um segundo processo, que atinge verbos e não verbos, tem influência do contexto precedente (preponderantemente consoantes palatais), está sujeito a gradiência fonética (a gama de possibilidades de pronúncia da vogal final resultante da redução) e não vê morfologia interna (não diferencia o segmento que pertence à raiz ou ao sufixo).

2.2 Apagamento de r em coda final

Também bastante frequente em todos os dialetos do PB, o processo de apagamento de *r* em coda, como dissemos, foi objeto de diversas análises, sob diferentes vieses. Neste texto, fixamo-nos sobre o contexto de final de palavra tônico: ao contrário de DF, AR ocorre preponderantemente em formas verbais, conforme se pode ver em (6), onde se comparam os resultados das amostras de dois dialetos com comportamentos bastante distintos em relação ao fenômeno, Monaretto (2002) e Serra e Callou (2013).

- (6) AR em Porto Alegre (MONARETTO, 2002) e no Rio de Janeiro (SERRA; CALLOU, 2013)

		POA	RJ
verbos	<i>amar</i> ~ <i>ama</i> ∅	76%	81%
não-verbos	<i>amor</i> ~ <i>amo</i> ∅	2%	66%

O fato de que distinguir verbos e não verbos, mas também o fato de a distinção de aplicação entre essas categorias ser expressiva apenas no dialeto do RJ, se comparado ao RS, podem ser tomados como evidências, novamente aqui, para a proposição de dois processos distintos. O processo mais restrito tem, como no caso de DF, acesso à informação morfológica. O processo mais geral é de natureza fonética e não faz distinção de classe de palavra. Trata-se de um apagamento que resulta da vulnerabilidade de um tipo específico de margem e que está sujeito a gradiência particularmente nos dialetos em que se contata aspiração do *r* ($r > h > \emptyset$) – caso do RJ, mas não no RS. Nesses dialetos, inclusive, o apagamento pode acontecer, apesar de com frequência significativamente menor, em posição medial e/ou átona (ex. *me*∅*mo* / *impo*∅*tado* / *impa*∅).

De um olhar comparativo com DF, a pergunta que se coloca é *por que, no caso de AR, não há, igualmente, preferência pela preservação do morfema – neste caso, o r de infinitivo?*

Uma explicação possível pode ser encontrada, também, na tese de efeito compensatório. Observe-se que o acento, no caso das formas infinitivas do verbo, incide sistematicamente sobre a VT, diferenciando-a de outras formas do paradigma verbal do português (compare-se *áma* a *amá*∅), repetindo, por assim dizer, a informação veiculada pelo morfema de infinitivo *r* e compensando seu eventual apagamento.

Esse argumento, porém, ainda não explica completamente a diferença entre os dois fenômenos no que tange à preservação de morfema, já que, como vimos, na DF também se observa efeito compensatório e ainda assim apagam-se menos nasais que exponenciam morfemas. Uma explicação possível pode residir no fato de que, no AR, já se parte de formas com informação morfológica redundante, enquanto na DF a emergência da vogal final desnasalizada só se explica como legítimo reparo (compensação, em sentido estrito) à redução do ditongo nasal, que carrega junto o morfema de número-pessoa. Esse argumento, porém, que se fundamenta na associação entre infinitivo e VT acentuada, mesmo parecendo verdadeiro em alguma medida, carece de maior reflexão, pois a pauta tônica se apresenta também como a preferida de não verbos, ainda que AR se aplique com muito menor frequência no âmbito dessas palavras. Na ausência de argumentos mais contundentes que sustentem uma análise baseada na consuetude interna da palavra para AR, parece plausível se supor que a gramática do PB disponha também de alguma restrição que, referindo-se à morfologia, seja capaz de distinguir verbos de nomes.

3. Uma tentativa de formalização

Diante do quadro descritivo que apresentamos, procuramos, nesta seção, representar os processos do PB que abordamos na seção anterior na perspectiva da Teoria da Otimidade standard, por acreditarmos que são fenômenos passíveis de tratamento formal.

A escolha pela OT se dá sobretudo por seu caráter não modular, isto é, nesta perspectiva teórica, a sintaxe não precede ou segue necessariamente a morfologia, por exemplo – o que nos isenta de ter de dar explicações sobre como a informação sobre concordância está presente no nível em que se analisa a palavra. Qualquer ordenamento entre níveis de análise tem de ser passível de expressão na natureza das restrições e em sua posição na hierarquia. No que diz

respeito ao mapeamento de morfemas em unidades fonológicas, tomamos como premissa a hipótese de que essas unidades estão amalgamadas no input e nos candidatos.⁸

No domínio da OT, assumimos a perspectiva da teoria da correspondência, conforme apresentado na introdução, isto é, partimos do pressuposto de que GEN produz candidatos que inserem ou apagam porções fonológicas livremente, mesmo sons que, isoladamente, se mapeiam a estrutura morfológica. Procuramos, contudo, mostrar que consistência de exponência está ativa na gramática, por força de restrições que impõem que morfemas se realizem, mesmo no âmbito da fonologia variável, de forma aberta.

Não pretendemos, ainda, neste texto apresentar argumentos para defender um modelo específico sobre o tratamento da variação em OT. Adotamos um modelo muito simplificado de gramáticas em competição, em que determinadas restrições têm sua posição na hierarquia alterada para fazer emergirem determinadas variantes. Assim, quando nos referimos a processos mais gerais ou mais específicos na gramática, estamos falando de processos que resultam de determinada hierarquia.

3.1 Desnasalização de ditongos átonos em final de palavra

Nossa intenção principal não é explicar a gramática mais fiel em se tratando de DF, qual seja, a que realiza um ditongo nasal como mapeamento da nasal, que tomamos como subespecificada em coda, seguindo a tradição de grande parte das análises que se ocupam da nasalidade em português. Sem maior problematização, pois, adotamos como ponto de partida a hipótese de que desnasalização é resultado da competição entre a restrição de fidelidade MAX, mais baixa na hierarquia, que proíbe apagamentos, e CODA-COND(ITION), restrição empregada por Battisti (2003), seguindo a formulação de Kager (1999:131), que se baseia na premissa de que a nasal, sendo subespecificada, não pode ser licenciada em coda. Essa é a gramática mais geral, que dá conta da análise de não verbos e verbos, como se vê no *tableau* em (7).

⁸ A OT também conta com uma versão realizacional, como a da Morfologia Distribuída, a saber a Optimal Interleaving / Serialismo Harmônico – OI/HS (Wolf, 2008 e McCarthy, 2011). Essa hipótese é interessante descritivamente para explicar aspectos relacionados a competição entre alomorfes, mas interpretaria possivelmente apagamentos como os que descrevemos aqui como não inserção – razão por que se descartou essa abordagem por ora. Uma perspectiva realizacional de morfologia não exclui, porém, uma gramática que se aplique, *a posteriori*, sobre formas já mapeadas. Ainda que não tencionemos explorar essa abordagem neste texto, não desejamos descartá-la enquanto perspectiva analítica.

(7) Gramática de redução da nasalidade – verbos e não-verbos (mais geral)

INPUTS		CODA-COND	MAX
pede+NP6IdPr1	a. 'pedem (ẽj/ĩj)	*!	
	☞ b. 'pede/i		*
homeN	a. 'homem (ẽj/?ĩj)	*!	
	☞ b. 'home/i		*

Como afirmamos anteriormente, porém, acreditamos que uma gramática mais específica concorre com esta, atingindo apenas verbos. Nessa gramática é que restrições de natureza morfológica têm papel mais relevante, representando o princípio de consistência de exponência. A primeira delas, mais geral, é MAX-M(SNP) (adapt. de MCCARTHY, 2011), que está numa relação de estringência com MAX geral e milita contra apagamento do morfema de número-pessoa. Esta é a gramática que traduz a preferência pela preservação da nasal que exponencia o morfema verbal em relação à nasal dos não verbos, que é parte da raiz.

(8) Gramática de redução da nasalidade verbos e não verbos – (mais específica)

INPUTS		MAX-M(SNP)	CODACOND	MAX
cata+NP6IdPr1	☞ a. 'catam (ãw/ũw)		*	
	b. 'cata	*!		*
	c. 'catu	*!		*
homeN	a. 'homem (ẽj / ?ĩj)		*!	
	☞ b. 'home/i			*

A segunda restrição que recupera consistência de exponência, mais alta na hierarquia, é MORPH-REAL (SAMEK-LODOVICI, 1993), que impõe que morfemas sejam realizados de forma aberta no output. O papel dessa restrição, aqui, é o de garantir a preferência pela forma que preserva a articulação do glide, compensando o expoente morfológico apagado.

(9) Gramática de redução da nasalidade – verbos

cata+NP6IdPr1	CODACOND	MORPH-REAL	MAX-M(SNP)	MAX
a. 'catam (ãw/ũw)	*!			
b. 'cata		*!	*	*
☞ c. 'catu			*	*

A escolha do candidato b, aquele que não possui qualquer indício do morfema de número-pessoa, em detrimento de c, em (9), envolveria dois expedientes: a demissão de MORPH-



REAL para baixo de MAX-M (SNP) e a atuação de uma restrição que penalizasse a alteração na qualidade da vogal final (do tipo IDENT-I/O ou mesmo MAX-VT). Essa gramática ilustraria o que conseguimos entender como *variação* de concordância propriamente dita, numa perspectiva de expoentes especificados (hipótese em que há sempre apagamento, ao contrário de não inserção).

Se assumirmos, porém, que consistência de exponência é uma condição que se impõe sobre as línguas em geral, como sugere van Oostendorp (2007), e que, portanto, MORPH-REAL deve estar alta na hierarquia do português, somos levados a acreditar que a gramática que licencia formas como as de (9b), *(eles) cata*, é fruto de reestruturação do *input* – o que referimos anteriormente como *reestruturação de marcas flexionais*. Esse tipo de reestruturação poderia resultar, inclusive, de *nivelamento*, como sugerem Christófaros-Silva, Fonseca e Cantoni (2012) para algumas formas envolvendo DF. Também poderia explicar a incidência de não concordância em formas salientes, no dizer de Scherre e Naro (1998).

3.2 Apagamento de r em coda final

Como mencionamos, AR é um processo típico de pauta tônica e incide mais sobre verbos do que sobre nomes. Para dar conta desse padrão, lançamos mão, na falta de restrição mais específica, de uma restrição de borda, M(ARGIN)σ-R (adaptada de De Lacy, 2001), que rejeita segmentos em posição proeminente de acordo com sua sonoridade. Como afirmamos na análise de DF, não é nosso objetivo discutir a natureza dessa restrição aqui, mas problematizar consistência de exponência em casos de fonologia variável. M(ARGIN)σ-R concorre com MAX, restrição que milita contra apagamentos, numa gramática mais geral, que dá conta do fenômeno em verbos e não verbos.

(10) Gramática de apagamento de r – verbos e não verbos (mais geral)

INPUTS		M(ARGIN)σ-R	MAX
ama+r _{Inf}	a. a'mar	*!	
	 b. a'ma		*
amor	a. a'mor	*!	
	 b. a'mo		*

Na gramática mais específica, no caso de AR, diferentemente do que ocorre com DF, são necessárias duas restrições militando a favor da supressão concorrendo com restrições de

fidelidade. Isso é assim porque é preciso que se garanta uma gramática que, interagindo com a morfologia, permita, a um só tempo, apagar o *r* dos verbos e mantê-lo nos não-verbos (situação mais típica no PB). Assim, propõe-se que ALIGN-R(STEM-PWD), restrição que exige que a borda direita do tema verbal coincida com a borda direita de uma palavra fonológica, concorra com MAX-M(INFIN), no sentido de licenciar a não realização do morfema de infinitivo em final de palavra. Isso só é possível neste caso porque o acento é garantidor da informação morfológica, o que se reflete na não violação de MORPH-REAL. Observe-se que a gramática mais geral retratada em (10) situa-se nas duas últimas posições no ranking em (11), caso em que as restrições que se referem à morfologia são vácuas.

(11) Gramática de apagamento de *r* – verbos e não verbos (mais específica)

INPUTS		ALIGN-R (STEM- PWD)	MORPH- REAL	MAX- M(INF)	M(ARGIN)σ-R	MAX
ama+r _{Inf}	a. a'mar	*!			*	
	☞ b. a'ma			*		*
amor	☞ a. a'mor					
	b. a'mo					*!

4. Principais generalizações e questões residuais

Partindo-se do pressuposto de que há evidências suficientes para não se entender mais variação fonológica como inacessível à informação morfológica e lexical, há uma demanda clara para modelagem desse acesso, já que nem todos os processos fonológicos variáveis parecem se comportar da mesma forma nesse quesito.

Há fenômenos fonológicos produzidos a partir de processos diferentes que convergem, em nível de superfície, para outputs idênticos. Muitas vezes, esses processos compartilham propriedades fonológicas, mas se diferenciam por um interagir com a morfologia e outro não. É o caso dos processos de desnasalização final e de apagamento de *r* em final de palavra.

Parece haver uma relação assimétrica entre os processos envolvidos em outputs convergentes que sugere graus de generalidade no tratamento da variação fonológica: o mais restrito, que interage com a morfologia, cabe formalmente nos mesmos condicionamentos do mais geral, de base puramente fonética, mas o contrário não é verdadeiro. Isso recupera, numa medida totalmente redimensionada, a hipótese neogramática. É preciso se responder, ainda, se há correlação necessária entre geral/mais frequente e específico/menos frequente.

No âmbito da interação com a morfologia, pode-se dizer que atua, na gramática, uma força que impede que se apaguem expoentes morfológicos. Essa força, contudo, é violável, quando a língua oferece um mecanismo de compensação para este apagamento. Essa compensação, numa perspectiva de regras, é de difícil formalização, o que leva muitos a entenderem-na como um expediente funcionalista. Numa abordagem de restrições violáveis, contudo, é possível se formalizar a relação entre apagamento/preservação/compensação de modo menos complexo do que numa perspectiva derivacional.

Sobre a proteção de expoentes morfológicos, há muito o que se discutir. Uma das questões é saber se se restringe de fato a morfemas monosssegmentais, como os que tratamos aqui e outros descritos na literatura (como a evitação de certos processos de sândi externo a monomorfemas).

Sobre a análise formal, embora pareça mais ou menos clara a vantagem das restrições sobre as regras, precisa-se dizer mais a respeito da vantagem de uma modelagem paralela (com restrições flutuantes ou gramáticas competindo) sobre a proposição de níveis (um em que a morfologia é visível, outro em que não). Outro caminho analítico desafiador, que constitui etapa da pesquisa em que esta análise se inserir, é o de uma abordagem de morfologia realizacional sobre a de uma morfologia com expoentes definidos no input.⁹

Por fim, há aspectos fonéticos que precisam ser sofisticados. O primeiro deles, grande demais talvez, é o de se definir gradiência, para que se possa usar esse parâmetro na diferenciação dos processos envolvendo outputs convergentes. Observe-se que, aqui, dizer *eles compra* ou *eles compru* está longe de ser considerado gradiência, no sentido tradicional; por outro lado, *amar* ~ *ama[h]* poderia ser considerado um caso típico de gradiência (neste caso, uma restrição da família $M(\text{ARGIN})\acute{\sigma}\text{-X}$ terá lugar na gramática mais geral, abaixo de $M(\text{ARGIN})\acute{\sigma}\text{-líq}$, mostrando a preferência, nessa gramática, pela variante aspirada).

Referências Bibliográficas

BATTISTI, E. A redução dos ditongos nasais átonos. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (ed.) **Fonologia e variação**: recortes do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

_____. Ditongos nasais em sílaba átona e fidelidade posicional. In: COLLISCHONN, G.; HORA, D. (ed.) **Teoria linguística**: fonologia e outros temas. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2003.

⁹ Para análise da VT e da flexão de gênero numa abordagem de OT realizacional, ver Schwindt (2011).

CALLOU, D. et al. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. In: KOCH, I. (ed.). **Gramática do Português Falado**. Campinas, UNICAMP, 1996. v. VI, p. 465-493.

CRISTÓFARO-SILVA, T.; FONSECA, M. A. ; CANTONI, M. A redução do ditongo [ãw] postônico na morfologia verbal do português brasileiro: uma abordagem baseada no uso. **Letras de Hoje** (Impresso), v. 47, p. 283-292, 2012 .

DE LACY, P. Markedness in prominent positions. In MATUSHANSKY, O.; COSTA, A.; MARTIN-GONZALEZ, J.; NATHAN, L.; SZCZEGIELNIAK, A. (eds.) **HUMIT 2000, MIT Working Papers in Linguistics 40**. Cambridge, MA: MITWPL, pp.53-66, 2001. [ROA 432]

FARWANEH, S. Hypocoristics revisited: Challenging the primacy of the consonantal root. **Perspectives on Arabic Linguistics: Papers from the annual symposium on Arabic linguistics. Volume XX: Kalamazoo, Michigan, March 2006**, Edited by Mustafa A. Mughazy. [Current Issues in Linguistic Theory, 290], p. 25-49, 2007. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1075/cilt.290.05far>

GUY, G. Variation in the group and the individual: the case of final stop deletion. In: LABOV, W. (ed.) **Locating language in time and space**. New York: Academic Press., 1980.

_____. **Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax and language history**. Tese de Doutorado. Universidade da Pennsylvania, 1981.

_____. Explanation in variable phonology: an exponential model of morphological constraints. **Language Variation and Change**, 3, p. 1-22, 1991. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1017/S0954394500000429>

_____. Form and function in Linguistic Variation. In: GUY et al. (ed.) **Current Issues in Linguistic Theory** 127, 1996. p. 221-252.

KAGER, R. **Optimality Theory**. Cambridge: CUP, 1999.

KIPARSKY, P. **Explanation in Phonology**. Dodrecht: Foris, 1982[1972]. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1515/9783111666242>

KIPARSKY, P. Phonological change. In: NEWMeyer, F. **Linguistics: the Cambridge survey**. vol. 1. Linguistic theory foundations. Cambridge: CUP, 1988.

KIPARSKY, P. The phonological basis of sound change, in John A. Goldsmith (ed.), **The Handbook of Phonological Theory**. Blackwell: Oxford, p. 640-670, 1995.

LABOV, W. Resolving the neogrammarian controversy. **Language** 57:267-309, 1981. **crossref** <http://dx.doi.org/10.2307/413692>

MATHEWS, P. H. **Morphology: an introduction to the theory of word-structure**. Cambridge University Press, 1974.

MCCARTHY, J. Pausal phonology and morpheme realization. In: BOROWSKY, T. KAWAHARA, S., SHINYA, T., SUGAHARA, M. **Prosody Matters: Essays in Honor of Lisa Selkirk**. London: Equinox, 2011.

MCCARTHY, J.; PRINCE, A. **Prosodic Morphology I: constraint interaction and satisfaction**. University of Massachusetts, Amherst and Rutgers Univ., 1993.

_____. Generalized Alignment. In BOOIJ, G.; VAN MARLE, J. (eds.) **Yearbook of Morphology** 1993. Dordrecht: Kluwer. p.79-153, 1995.

MONARETTO, V. N. (2002) A vibrante pós-vocálica em Porto Alegre. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (eds.). **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 253-268.

MONARETTO, V. N. **Um reestudo da vibrante: análise variacionista e fonológica**. 1997. Tese de Doutorado. Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

MUTAKA, N.; HYMAN, L. M. Syllable and morpheme integrity in Kinande reduplication. **Phonology**, 7: 73-119, 1990. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1017/S0952675700001123>

POPLACK, S. The notation of the plural in Puerto Rican Spanish: Competing restraints on /s/ deletion. In: LABOV, W. (Ed.) **Locating language in time and space**. New York: Academic Press, 1980, p. 55-67.

SAMEK-LODOVICI, V. **Universal constraints and morphological gemination: a cross-linguistic study**. Manuscrito. Waltham, MA: Brandels University, 1993. [ROA-149]

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. In RUFFINO, G. (Ed.) **Dialettologia, geolinguística, sociolinguística. Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza**. Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Università di Palermo. Tübingen: Max Niemeyer Verlag. 1998. 5, p. 509-523.

SCHWINDT, L. C. Zeros na morfologia nominal portuguesa à luz da Optimal Interleaving Theory. **ReVEL**, edição especial n. 5, 2011. [www.revel.inf.br].

_____. Condicionamento morfológico em fenômenos fonológicos variáveis do PB. **Letras & Letras**. Uberlândia: Editora da UFU, 2012. p. 115-127.

_____. Um output, dois processos. **Revista da ABRALIN**, v. 14, 2015, p. 553-570.

SCHWINDT, L. C.; BOPP DA SILVA, T. Panorama da redução da nasalidade em ditongos átonos finais no português do sul do Brasil. In: BISOL, L.; COLLISCHONN, G. (eds.). **Português do Brasil: variação fonológica**. 1 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. p. 13-33.

SCHWINDT, L. C.; WETZELS, L. The morphology and phonology of inflection. In: COSTA, J.; MENUZZI, S. M.; WETZELS, L. **Handbbook of Portuguese Linguistics**. Wiley-Blackwell, 2016. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1002/9781118791844.ch11>

SERRA, C.; CALLOU, D. A interrelação de fenômenos segmentais e prosódicos: confrontando três comunidades. 26 Textos selecionados, **XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**, Coimbra, APL, pp. 585-594, 2013.

SILVEIRA, G. **O apagamento da vibrante na fala do sul do Brasil sob a ótica da palavra**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

VAN OOSTENDORP, M. V. Derived Environment Effects and Consistency of Exponence. In: BLAHO, S.; BYE, P.; KRÄMER, M. **Freedom of Analysis?** Berlin, New York: Mouton de Gruyter, p. 123-148, 2007. [ROA-853]

WETZELS, L. Mid-vowel neutralization in the Brazilian Portuguese verb. **Phonology**, 12 : 281–304, 1995. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1017/S0952675700002505>

WOLF, M. **Optimal Interleaving**: serial phonology-morphology interaction in a constraint-based model. Tese de doutorado. University of Massachusetts Amherst, 2008. [ROA- 996]

Artigo recebido em: 31.10.2015

Artigo aprovado em: 03.04.2016